

## Criança em hospital terá lazer

Na próxima semana, de 5 a 9 de outubro, a Fundação Hospitalar, em conjunto com a Fundação Educacional, estará promovendo a 2ª Semana da Criança Hospitalizada. Em toda a rede de hospitais, serão realizadas programações externas e internas, visando proporcionar às crianças que se encontram internadas atividades recreativas e de lazer.

Serão três dias de recreação dentro dos hospitais e outros dois de passeio, em ônibus da própria FHDF. A programação interna fica a cargo de cada unidade; e no Hospital Regional da Asa Sul, está para ser confirmada a presença do palhaço Cacareco. Segundo a professora Edina de Freitas Gissoni, uma das coordenadoras do evento, em todos os estabelecimentos serão exibidos filmes e peças teatrais.

Edina Freitas explicou que, como essas comemorações são frequentes nas escolas da Fundação, em função do Dia da Criança, "nada mais justo que as que estão hospitalizadas tenham acesso a esses divertimentos". Já está sendo negociada com algumas empresas a doação de brinquedos, presenteados à garotada.

Pode parecer que a rotina de uma criança hospitalizada se resume aos corredores e à televisão. No entanto, há algum tempo, a Fundação Educacional vem mantendo oito classes em cada hospital da FHDF, com o objetivo de não deixar a criança ociosa e promover o acompanhamento pedagógico escolar.

Assim, caso os estudos sejam interrompidos, em virtude de uma internação, a criança dispõe, no hospital, da mesma programação desenvolvida em seu estabelecimento de ensino. Além disso, aulas de alfabetização são ministradas para quem está na idade escolar mas não iniciou seus estudos.

Quanto a bibliotecas, apenas o Hospital de Base de Brasília firmou um convênio com o Instituto Nacional do Livro. Contudo, Edina Freitas informou que existe uma proposta de se introduzir salas de leituras nos hospitais. "As crianças adoram as escolinhas, pedindo inclusive que estas funcionem também na parte da tarde".

## Enfermeiro quer mudar formação profissional

O perfil e competência do enfermeiro estão sendo discutidos por cerca de 150 professores e estudantes universitários de Enfermagem, em seminário nacional sobre o tema em Brasília. A necessidade de mudança dos currículos destes cursos, defasados em relação às próprias exigências do mercado de trabalho e diferentes em cada universidade, é uma das principais questões em pauta no seminário, que será encerrado na próxima sexta-feira. O evento está sendo promovido pela Universidade de Brasília e Fundação Hospitalar, com apoio de vários órgãos.

"Uma grande dificuldade dos alunos transferidos de uma instituição para outra é a diferença entre currículos", afirmou a organizadora do seminário e professora da Universidade de Brasília, Maria Darel Colares Siqueira. Ela defende a unificação nacional dos currículos de Enfermagem, com uma formação mais adequada às exigências do mercado de trabalho. No seminário, os participantes estão avaliando temas básicos, como a quem são oferecidos os cuidados de Enfermagem e em que consiste a profissão. Os professores e alunos estão reunidos no auditório do Cedrus (Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos para a Saúde), e a Fundação Hospitalar, que procura estimular a formação e aperfeiçoamento da mão-de-obra na área de saúde pública.

## Servidor acusa HRT de negar socorro médico

"Trinta e cinco anos pagando INPS todo mês, e para que? Pra chegar em um hospital e o médico se recusar a dar uma injeção pra dor?" Com estas perguntas, o funcionário da Fundação Cultural, Emerson Motta, mostrou toda a sua revolta com o atendimento que lhe foi prestado no HRT na noite de segunda-feira. Com a revolta, Emerson Motta decidiu sair por conta própria do hospital para, segundo ele, "evitar que ficasse pior".

Emerson Motta sofre de dores na coluna há cerca de oito anos. No domingo passado, o chefe da seção de orçamento da FCDF sofreu uma queda que provocou fortes dores na perna esquerda, além de agravar a enfermidade na coluna. Por volta das 19h de segunda-feira, Emerson já não suportava mais as dores na perna, não conseguindo sequer apoiá-la no chão, então, decidiu procurar o HRT.

Segundo conta, ao encontrar o médico que iria atendê-lo, identificado apenas como Hamilton, pediu que Lhe fosse aplicado um remédio para dor, no que não foi atendido. "Muito tempo depois me levaram para a ortopedia e retiraram o soro. Então meu braço começou a inchar e eu pedi aos funcionários que verificassem o que estava ocorrendo. Para minha surpresa, disseram que não eram da área e não podiam fazer nada. Nem sequer tiraram a minha pressão", afirmou.

# Brasileiro não doa órgãos desde julho

### Interrupção matou em três meses 100 pessoas à espera de transplantes

FOTOS: MARCOS HENRIQUE

Nos últimos três meses, mais de 100 pacientes que precisavam de transplante de órgãos para sobreviver, morreram à espera de um doador. A denúncia é do presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, Ivo Nesralla, que se encontra em Brasília participando do 43º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Segundo o cirurgião, desde julho não houve sequer um transplante no País, o que interrompeu o programa nacional nessa área por absoluta falta de doadores.

"O programa de transplante no País foi paralisado devido a uma falsa denúncia", afirma Ivo, referindo-se a um fato ocorrido em março passado. Nesse mês, foram feitas denúncias em Taubaté (SP) de que médicos estariam retirando órgãos, principalmente rins, de pacientes em que a morte cerebral ainda não estava definitivamente comprovada. De acordo com Ivo Nesralla, "a denúncia foi investigada e fica provado que era totalmente infundada".

Desde então, tem sido praticamente impossível conseguir doadores para transplantes devido ao receio das famílias em permitir a retirada de órgãos de seus parentes. "Os doadores geralmente são pessoas que tiveram um acidente muito grave e o médico procura a família num momento dramático e doloroso, o que dificulta ainda mais a permissão para a retirada dos órgãos", explica Ivo.

Ele esclarece que, como os doadores são acidentados graves de qualquer maneira a lei determina uma necropsia que exige a análise dos órgãos da pessoa. Então, mesmo que não haja doação para transplante, os órgãos do cadáver são retirados para exame. O cirurgião diz



Ivo Nesralla

que atualmente há duas crianças e dois adultos no Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul, onde ele trabalha, que morrerão caso não surjam doadores.

Ele calcula que, em São Paulo, o número de pacientes na mesma situação seja pelo menos dez vezes maior. Para mudar esse quadro, o cirurgião defende a realização de uma ampla campanha para esclarecimento da opinião pública, a ser promovida brevemente pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular com o apoio da Igreja Católica.

Além disso, os cirurgiões estão buscando conscientizar os constituintes para a necessidade de mudança da legislação, a fim de facilitar a doação de órgãos pelas pessoas ainda em vida. Em outros países, já existem leis que a classe médica defende que sejam criadas no Brasil. Na Inglaterra, por exemplo, quando uma pessoa tira um documento qualquer,

sempre lhe é perguntado se aceita ser doador em caso de morte.

Quando a resposta é positiva, o doador inglês recebe um cartão com seu nome e telefone que fica sempre junto de seu documento de identidade. Se vier a morrer, os órgãos do doador são retirados independentemente da vontade da família. "Isso depende da liberdade individual da pessoa, que não é forçada a fazer a doação, comenta Ivo.

Ele conta que foi realizada uma pesquisa nas escolas do Paraná e 98 por cento das crianças entrevistadas concordaram em ser doadores. No entanto, essa pesquisa não tem qualquer valor legal porque a legislação não permite a doação de órgãos em vida. De acordo com Ivo, os transplantes só são realizados em determinados hospitais credenciados.

"Nenhum órgão é retirado antes da comprovação da morte, o que é feito através de instrumentos muito apurados", assegura o cirurgião. Os transplantes de coração são feitos em pessoas com idade inferior a 50 anos e em crianças que nascem muito doentes. A transferência de coração só acontece quando não há chances de vida para o paciente através de tratamento clínico ou cirurgia cardíaca convencional.

No Brasil, os transplantes começaram em 1968 com o cirurgião Euclides Zerbin. Naquela época, foram feitos três transplantes que estavam entre os 50 primeiros do mundo. No entanto, houve uma interrupção nessas operações devido ao perigo apresentado pela rejeição nos transplantados. Com o surgimento da ciclosporina, uma droga que controla a rejeição, os transplantes foram reiniciados em todo o mundo.

## Médico mostra sua arte

A primeira vista é até engraçado: um salão de artes plásticas sendo lançado em pleno Congresso de Cardiologia. No entanto, a ideia do 1º Salão Nacional de Expressão Artística de Médico Cardiologista surgiu após um levantamento da empresa Brasis (ateliê cultural aplicado à comunicação) onde ficou constatado que 65 por cento dos médicos em geral se dedicam em suas horas de lazer principalmente a quatro atividades: pintura; gravura; escultura e fotografia.

A partir desta constatação, a Brasis, com sede em São Paulo, fez um projeto de abordagem ao médico em uma área que não seja a medicina. A Medtron, uma firma especializada em confecção de marcapassos, válvulas cardíacas, produtos neurológicos e vasculares, se interessou. Desde o dia 27 último até 31 de janeiro de 1988, estão abertas as inscrições para os médicos que quiserem participar do concurso promovido pela Brasis e patrocinado pela Medtron.

Apenas nos três primeiros dias do Congresso já se inscre-

veram 174 cardiologistas. Serão premiados o melhor trabalho geral e os seis melhores de cada categoria, que ganharão passagens com estadia para qualquer cidade do País. Todos os trabalhos inscritos ficarão expostos de início — a partir de março — no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Depois haverá uma exposição itinerante por todas as capitais.

Segundo o idealizador e coordenador do projeto, Dreyf Campano Gonçalves, ao final do salão as obras serão leiloadas e os recursos doados para instituições que se dediquem a pesquisas de doenças cardíacas, de preferência infantis, escolhidas pelos próprios participantes. Para Dreyf Gonçalves é importante que se dê espaço a outras opções que não sejam as tradicionais formas de expressão artística, como o teatro e a literatura. Por esta razão, os organizadores do projeto estão distribuindo kits das quatro especialidades que vão concorrer a todos os médicos, como forma de despertar o interesse pelas artes plásticas.



Euclides Santa Cruz

## Doença cardíaca mata mais cedo

"O brasileiro está morrendo mais cedo de doenças do coração, apesar de a expectativa de vida no Brasil ter crescido". A afirmação é do cardiologista Euclides Santa Cruz de Oliveira, assessor do Núcleo de Controle de Programas de Saúde da Secretaria de Saúde do GDF. Euclides Santa Cruz está participando do 43º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia e, há algum tempo, realizou estudos sobre doenças cardíacas nos idosos. Segundo ele, a aterosclerose é o grande mal dos idosos.

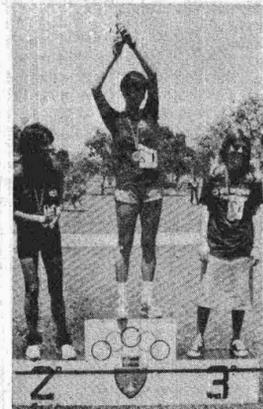
Mas, tanto para evitar as doenças cardíacas de modo geral como para impedir o surgimento da aterosclerose, o melhor caminho é a prevenção. "O envelhecimento começa na geração da criança e os cuidados preventivos devem ser iniciados desde a infância", aconselha Euclides. Ele afirma que as cardiopatias têm atingido cada vez mais os jovens, principalmente devido ao processo de urbanização do País, que tem levado a uma vida mais sedentária.

A aterosclerose é um processo degenerativo das artérias de todo o organismo e pode causar danos irreversíveis, principalmente ao cérebro, e levar à morte. De acordo com Euclides Santa Cruz, iniciado o processo da aterosclerose, o quadro se torna irreversível.

A doença pode ser evitada com a observância de métodos que levem a uma vida saudável. O cardiologista recomenda a adoção de uma dieta adequada, exercícios físicos e eliminação do fumo.



Julizar: vencedor



Maristela levou troféu

## Ginecologista corre mais

Cerca de 60 cardiologistas que estão participando do Congresso da SBC disputaram ontem uma minimaraton no Parque da Cidade, de quatro quilômetros. O primeiro a chegar foi um ginecologista — Delmy Ferreira Souto —, que não pôde ser premiado porque a corrida era restrita aos participantes do Congresso. Por isso, o vencedor foi Julizar Dantas, cardiologista da Polícia do Exército e da Petrobrás em São Paulo.

Os concorrentes foram divididos em quatro categorias: até 35 anos, de 36 a 50, acima de 50 e feminina. O vencedor da primeira categoria foi o próprio Julizar Dantas. Quem chegou em primeiro lugar na categoria de 36 a 50 anos foi Takao Kawamura, e na de mais de 50, Ebnas de Vasconcelos. A primeira mu-

lher a chegar foi Maristela Camargo, com um tempo de 16 minutos e 48 segundos.

### RECORDE

Delmy Ferreira Souto, que, com 40 anos, fez um tempo recorde de 13 minutos e 15 segundos, diz que foi apenas coincidência o fato de vencer a corrida: "Eu estou treinando para a maratona de Nova Iorque e corro de 15 a 20 quilômetros por dia. Se fosse há um mês, talvez eu estivesse despreparado". Todos os vencedores da maratona lembraram da contradição existente entre a vida profissional dos médicos em geral e a sua forma de vida. Eles preconizam sobre a importância dos exercícios, mas não dão o exemplo", lembrou Julizar Dantas.



Kit de brinquedo científico: incentivo aos médicos